



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na abertura do I Encontro Nacional
de Turismo, Ecoturismo e Desenvolvimento
Sustentável*

MUSEU DO HOMEM AMERICANO, SÃO RAIMUNDO NONATO, PI,

26 DE NOVEMBRO DE 1999

Senhor Governador do Estado do Piauí, Doutor Francisco de Assis de Moraes Souza, nosso querido Mão Santa; Senhor Ministro de Estado do Esporte e Turismo, Rafael Greca; Senhores Ministros que me acompanham; Senhores Senadores Hugo Napoleão, Alberto Silva e Freitas Neto; Senhores Deputados aqui presentes; Senhor Prefeito de São Raimundo Nonato, José Herculano de Negreiros; as Professoras Ane Marie Petit e Niedi Guidon; Senhor Presidente da Sociedade da Biosfera, Dodival Brune; Senhores Conferencistas; Senhoras e Senhores,

Quero expressar a minha grande alegria e até surpresa ao me encontrar, hoje, aqui, em São Raimundo Nonato, com tantas instituições e tanta geografia, tanta história e tanta cultura, que não imaginava fosse na proporção que é.

O Governador do Piauí, Francisco de Assis de Moraes Souza, falou-me sempre do Delta do Parnaíba. Conheci o Delta. E sempre disse que o Delta era o grande pólo de turismo do Piauí. Ele, agora, tem que fazer uma correção: não é só o Delta. Vai ter que fazer a mesma propaganda com relação à Serra da Capivara.

Foi uma feliz idéia a de iniciarmos as comemorações dos 500 anos na Serra da Capivara. Talvez o Brasil não saiba a importância arqueológica do que lá está. O fato de podermos dizer que, do alto daquelas montanhas, nos contemplavam 500 séculos de história é alguma coisa que, se eu fosse o Governador Mão Santa, diria o que Napoleão disse ao ver as pirâmides do Egito, porque, realmente, é emocionante. É emocionante ver que ali estão cristalizadas as expressões culturais de mais de 40 mil, 50 mil anos e que foi possível, com o trabalho dedicado das Professoras já mencionadas e, certamente, com um grupo imenso de outros colaboradores – aí, outra vez, a grandeza do Piauí –, recuperar esse passado pré-histórico, arqueológico, de que talvez o Brasil ainda não tenha percebido o significado.

E como estamos, hoje, aqui, em um evento que tem uma conotação clara do ecoturismo do Piauí-99, creio que é importante dizer que, efetivamente, há o que se ver aqui, no Piauí. E se é certo, como o Governador mostrou – e, certamente, o é –, que o Piauí é um Estado que tem passado por uma profunda transformação, porque temos feito um grande esforço na educação, na saúde e em outros aspectos que dizem mais de perto ao povo do Piauí e do Brasil, é também certo que precisamos fazer mais. E esse fazer mais implica incorporar uma série de atividades que não foram suficientemente valorizadas pelos brasileiros até agora. Até muito recentemente, quando se falava de turismo, tinha-se a impressão de que era um assunto menor. Ecoturismo, então, era uma palavra nem conhecida.

Hoje, sabemos que o turismo é um setor de atividade fundamental no mundo contemporâneo. Na França, no ano passado, foram 80 milhões de turistas – 80 milhões, mais do que a população francesa. No Brasil, foram 4 milhões e 800 mil. Temos muito caminho para andar. É claro que temos sérios problemas. Estamos localizados excêntrica-mente, se se considerar que o centro é o mundo ocidental – Europa e Estados Unidos. Estamos excêntricos. Mas o Japão é excêntrico e vai à França. Se formos capazes de explicar o que temos aqui de grandeza neste país, atrairemos mais turistas. Mas não é a questão do turista para atraí-lo simplesmente, para que ele deixe aqui alguns recursos para o

País. É toda a atividade gerada pelo turismo, entre as quais, significativamente, a atividade cultural. Não pode haver turismo se não houver desenvolvimento cultural.

O turista não vem, simplesmente, ver a paisagem. Ele vem ver a história. Ele vem conhecer um povo. Ele vem sentir a expressão cultural desse povo. Ele vem se comparar com a diversidade das culturas.

Daí a importância do turismo como aqui se realiza, em São Raimundo Nonato. Porque, aqui, realmente, fiquei surpreso não apenas ao ver o cuidado, o carinho com que as pinturas daqueles cervos estão sendo trabalhadas, redescobertas, como também com a exposição, com o cuidado com as peças. É alguma coisa realmente comovedora.

Mas, além desse aspecto, o turismo inventa novos empregos, cria novos empregos. No mundo contemporâneo, não se trata apenas de dar emprego, à moda antiga. É preciso inventar empregos, é preciso ter criatividade. É preciso criar, do nada, formas de ocupar e formas de atrair os outros para essas ocupações.

O turismo e, especificamente, o ecoturismo, têm esse significado específico, que é a capacidade de criar novos empregos. Mas o turismo não dispensa o que o Governador nos disse. Se não houver o embasamento no Estado, na região, de desenvolvimento social, não vai haver turismo. Se não houver segurança, se não houver acesso à saúde, ao serviço de saúde, se não houver água tratada, se não houver esgoto e, sobretudo, se não houver um povo que tenha alcançado o que é necessário que todos os povos alcancem – os níveis de cidadania digna e responsável –, é difícil criar-se pólos de turismo.

O trabalho é, portanto, conjunto, da sociedade, do governo, dos que se dedicam especificamente ao turismo. Obviamente, aqui venho para render homenagem ao Piauí, e o Piauí merece essas homenagens. E se aqui venho para reconhecer o esforço grande que está sendo feito aqui, que está materializado neste centro que nós estamos presenciando hoje, alguns inaugurando hoje, também tenho uma parte de obrigação para com o Piauí, e não quero me furtar a ela.

Nós temos que melhorar o aeroporto de São Raimundo Nonato. Vamos melhorar, com recursos do BID–Banco Interamericano de De-

envolvimento e com recursos do Governo Federal. Porque não é possível ter acesso a essas regiões mais longínquas se não houver, também, uma condição favorável, no que diz respeito à questão de acesso a aeroportos, hotéis e assim por diante. O BID vai nos ajudar.

E não seria justo fazer-se isso para os turistas e não tomar em consideração aquelas questões que são as mais fundamentais para a população da cidade. E talvez a mais fundamental no semi-árido seja a água. E o Senador Alberto Silva me recomendava, hoje, que não deixasse de dizer que é possível trazer água de muito perto daqui, que não se trata de uma transposição, mas de uma adução. Essa adução, Senador, vai ter o meu apoio.

Ouvi da parte de outros Senadores – o Senador Hugo Napoleão, o Senador Freitas –, Deputados aqui presentes, Paes Landim, ouvi outra demanda, que está inscrita no Plano Avança Brasil, no PPA, que é a continuação da A-20. Não posso lhes dizer, porque não tenho à mão os dados, com que velocidade isso vai ser feito, mas vai ser feito. Até porque – e aí há um sentido simbólico – foi o que faltou do Plano Viário e de Integração Nacional de Juscelino Kubitschek.

Estamos refazendo os projetos do Brasil. O Plano Avança Brasil não é nada mais, nada menos, do que um projeto nacional de desenvolvimento. Ele parte da idéia de que é preciso integrar o país, através de certos eixos, que são fundamentais para que o crescimento possa ocorrer de forma sinérgica, para que o que se ponha num local repercuta no outro. E, certamente, aí, as estradas, os portos, as fontes geradoras de energia, os rios, são fundamentais para que haja uma nova escalada de integração nacional. E essa escalada está em marcha no Brasil.

Às vezes, é difícil aos contemporâneos perceber as transformações que estão ocorrendo. Esses dados que estão aqui, a respeito da saúde, a respeito da educação, certamente não são visíveis ao passante. Eles têm que se acumular. Só com o tempo é que uma sociedade aparece na sua nova forma. Mas tenho a convicção, como brasileiro, de que nós estamos dando uma nova forma à nossa sociedade, uma forma melhor para o nosso povo, com mais saúde, mais educação, mais transporte,

mais habitação e, sobretudo, mais dignidade, dentro de um ambiente de democracia.

Foi com esse afã que vim ao Piauí, recordar outras vezes em que estive aqui. Alguns aqui presentes sabem que passei um tempo, não muito largo, mas bastante largo, fazendo pesquisa no interior do Piauí e conheço o estado razoavelmente. Conheço não apenas Teresina, mas conheço, também, Parnaíba, que é a cidade do nosso Governador, conheço Picos, conheço Floriano. Enfim, conheço muitas partes do Piauí, e não conheço de passar, nem conheço fazendo inaugurações. Conheço fazendo pesquisa. Quando se vai fazer pesquisa, entra-se em contato com o povo. E se vêem, efetivamente, as condições de vida.

Uma das coisas que mais me impressionaram, naquela época – o Alberto Silva era governador – foi o Vale do Gurguéia, que, hoje, é um vale progressista, aberto. Ali, quando cheguei, em 72, fiquei fascinado, porque existiam ainda campos comunais, onde não havia o direito de propriedade definido. Havia também o uso da terra de forma coletiva. E com a abertura das estradas se começava, como nos velhos tempos, na passagem do mundo da Europa medieval para a época contemporânea, a moderna, quando se via, naqueles idos, se via aqui, também, o começo de cercar a terra. Porque não havia, ainda, nem sequer a noção exata da propriedade e havia terras comunais.

Havia terra de quilombo, havia terra de fugitivos, havia terra muito encravada no sertão, de pouco acesso. Nunca me saiu da memória, até hoje, um homem negro, de óculos escuros, abrindo campos que eram comunais. O trator, a ascensão social do negro, os óculos escuros, que era um modismo da época, as terras ainda sem estarem delimitadas, aquele vale que era possivelmente fértil, mas que ainda não o era. Uma história em *statu nascendi*, uma história que estava nascendo aqui, no Piauí. Pude sentir e antecipar, se é possível, o que está acontecendo hoje. No ano que vem, diz o Governador – e eu acredito –, vamos produzir 200 mil toneladas de grãos, nesse vale do sul do Piauí.

Isso tudo é um novo Brasil. É um novo Brasil, quando a gente vê, de 72 para hoje, são quase 30 anos. Na história de uma pessoa, é muito; na

história de um país, é nada. Em 30 anos, o Brasil mudou muito. E está mudando mais aceleradamente.

Por essas razões todas – e termino dizendo isso –, volto muito contente para Brasília – não sem antes passar por Pernambuco –, porque pudemos, simbolicamente, ver alguns grupos indígenas acenderem a tocha do conhecimento, a chama do conhecimento. Foi possível ver como é possível, até simbolicamente, integrar mais este nosso país. Integrar, nesse momento dos 500 anos, integrar mostrando que se trata de um país que foi criado por nós. E esse “nós” somos nós, plural mesmo, essa diversidade imensa.

Quando se vê lá, como vimos, na Serra da Capivara, a diversidade expressa na pedra, quando se reuniram, numa só pedra, ali, em várias camadas, séculos separando umas das outras, e o rabisco do desenho muitas vezes mudando de forma muito significativamente – como me foi explicado, porque disso não sabia nada – um traço quase picassiano, num contínuo, não sei que instrumento era usado para fazer aquele desenho, se vê que, pouco a pouco, o mito some e fica só o rito. E se vê como uma certa cultura se estratifica e fica até hoje.

Ao ver tudo isso impresso na pedra, aqui, no coração do Brasil, no sul do Piauí, a gente sente, realmente, a emoção de dizer: bom, nos primeiros 500 anos, fizemos alguma coisa. Os que nos antecederam fizeram isso há 50 mil anos e nós nem reconhecemos.

Vamos continuar fazendo, Governador. Vamos continuar acreditando. Vamos continuar, com a mesma fé com que o Senhor proferiu suas palavras finais, acreditando no Brasil.

Muito obrigado.